

ArPa
2026

mam

clube de coleccionadores
40 anos

40 anos do Clube de Colecionadores do MAM São Paulo

O Clube de Colecionadores do Museu de Arte Moderna de São Paulo celebra 40 anos de realizações em 2026. Um dos programas institucionais de arte mais longevos do país, o Clube de Colecionadores do MAM alcança esse marco reafirmando seu compromisso com o incentivo e a promoção de experimentações artísticas com diferentes técnicas de reprodução. Desde a sua origem, tem o propósito de aliar a estrutura institucional do museu à produção artística, à contínua expansão de seu acervo, e à prática geral do colecionismo.

Ao longo de sua trajetória, o programa explorou e se aprofundou em diferentes vertentes: o primeiro foi o Clube de Gravura, fundado em 1986; na sequência, vieram o Clube de Fotografia, iniciado em 2000, e o Clube de Design, que atuou entre 2010 e 2015. Com a crescente interdisciplinaridade da produção artística e a obsolência de delimitar linguagens e técnicas, a existência de diferentes Clubes tornou-se insustentável. Em 2022, o MAM São Paulo aliou essas iniciativas num único Clube de Colecionadores.

Partindo sempre de uma premissa fundamental, mas desafiadora — o uso de processos de reprodutibilidade para produzir uma tiragem limitada de exemplares —, o Clube de Colecionadores do MAM já realizou **mais de trezentas edições**, com a participação de **mais de 280 artistas**, incluindo duplas, coletivos e estúdios. Esses artistas que já contribuíram com o Clube ao longo das últimas quatro décadas são homenageados de forma singela no estande do MAM na ArPa 2026, onde seus nomes foram adesivados no painel.

40 Years of MAM São Paulo's Collectors Club

The Collectors Club of the Museu de Arte Moderna de São Paulo Museum of Modern Art of São Paulo celebrates 40 years of achievements in 2026. One of the longest-running institutional art programs in Brazil, the Club reaches this milestone by reaffirming its commitment to fostering and promoting artistic experimentation with diverse reproduction techniques. Since its inception, it has sought to bring together the museum's institutional framework with artistic production, the continuous expansion of its collection, and the overall practice of collecting.

Over the course of its history, this program for collectors has explored and deepened different strands: the first was the Prints Club, founded in 1986; it was followed by the Photography Club, launched in 2000, and the Design Club, active between 2010 and 2015. With the growing interdisciplinarity of artistic production and the obsolescence of rigid distinctions between media and techniques, maintaining separate clubs became unsustainable. In 2022, MAM São Paulo brought these initiatives together into a single Collectors Club.

Always grounded in a fundamental yet challenging premise — the use of reproducible processes to produce limited editions — the Collectors Club has realized **more than three hundred editions**, with the participation of **over 280 artists**, including duos, collectives, and studios. These artists, who have contributed to the Club over the past four decades, are modestly honored at MAM's booth at ArPa 2026, where their names have been applied as vinyl lettering on the panel.



Arcangelo Ianelli
(São Paulo, SP, Brasil Brazil, 1922–2009)

Sem título Untitled, 1990/2023

chapa de aço carbono 1/8
1/8-inch carbon steel sheet,
28,6 x 21,0 x 7,0 cm

R\$ 8.000,00
Edição Print run **75 + PAs** APs

Cidade, arquitetura e tecido social: obras do Clube de Colecionadores do MAM São Paulo

Em 1948, quando o Museu de Arte Moderna de São Paulo foi fundado, a cidade de São Paulo apresentava um cenário bastante distinto do atual. No fim da década de 1940, aquela que se tornaria a maior metrópole da América Latina deixava de ter uma escala relativamente provinciana para se consolidar como centro financeiro, industrial e cultural do país. O acelerado crescimento econômico impulsionado pela industrialização transformou profundamente a paisagem urbana e social da cidade, marcada por intensos fluxos migratórios, expansão territorial e pela consolidação de novas elites econômicas e intelectuais.

Ao longo das décadas seguintes, São Paulo tornou-se um território heterogêneo e contraditório, constituído pela sobreposição de diferentes modos de vida e experiências de cidade. Ao mesmo tempo em que concentrou entidades financeiras, instituições culturais e parte significativa da produção econômica nacional, a capital paulista também passou a conviver com intensas desigualdades sociais, precarização habitacional, disputas pelo espaço urbano e desafios ambientais cada vez mais complexos. Embora vinculadas à experiência específica de São Paulo, essas transformações refletem processos que atravessam diversas metrópoles contemporâneas: expansão acelerada, crescimento periférico desordenado, especulação imobiliária, tensionamentos entre centro e margem, circulação constante de pessoas e mercadorias e formas improvisadas de ocupação e sobrevivência urbana.

Esse cenário complexo inspirou artistas de diferentes gerações a discutirem, por meio de variados suportes, as transformações na relação entre a cidade, sua arquitetura e seu tecido urbano. Não à toa, o MAM São Paulo, como uma das principais instituições culturais da cidade, salvaguarda em sua coleção uma série de trabalhos dedicados a essa temática, além de ter realizado, ao longo de seus quase 80 anos, diversas exposições voltadas justamente às questões urbanas e sociais da capital que o abriga.

Nessa linha, por meio do Clube de Colecionadores — que neste ano completa 40 anos — o museu comissionou, incentivou e disseminou uma série de trabalhos sobre o universo urbano, suas contradições, transformações e imaginários. Ainda que muitos desses artistas partam da experiência específica de São Paulo, suas obras abordam questões amplas da vida metropolitana contemporânea, discutindo arquitetura, precariedade, circulação, desejo, violência, improviso e pertencimento. Para esta edição da ArPa, em homenagem aos 40 anos do Clube, o MAM São Paulo apresenta uma seleção de trabalhos relacionados a essa temática, propondo um percurso por diferentes representações, interpretações e experiências da paisagem urbana brasileira contemporânea.

A extensa trajetória do Clube permite que, à luz do tempo, produções completamente distintas sejam aproximadas e colocadas em relação. Apartadas por quase dez anos, as edições realizadas por **Nilo** e **Ana Maria Tavares** refletem de formas singulares sobre diferentes contextos e formas de organização da vida nas cidades.

Em agosto de 2008, o Clube de Colecionadores do MAM realizou uma residência na região do Cariri, no interior do Ceará, que resultou na edição realizada por Efrain Almeida naquele mesmo ano. O projeto foi produzido com apoio do Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil (CCBNB) e da Universidade Regional do Cariri e sua Lira Nordestina, antiga Tipografia São Francisco, uma das mais antigas editoras de cordel do país. Foi a partir do diálogo entre esses agentes que o Clube se aproximou de **Nilo** (José Marcionilo Pereira Filho) (Juazeiro do Norte, CE, Brasil, 1966), convidado pelo museu a realizar uma residência artística em São Paulo em 2009 e a produzir uma gravura para o programa do MAM. Nilo trabalha majoritariamente com xilogravura e escultura, desenvolvendo uma produção fortemente influenciada pelo repertório da literatura de cordel, mesclado a elementos de realismo fantástico e a soluções gráficas próprias da gravura contemporânea.

Em *Mulheres da Rua Augusta* (2009), **Nilo**, que visitava a cidade pela primeira vez, retrata uma cena do Baixo Augusta, local emblemático da cidade e onde o artista se hospedou durante a residência. Historicamente associada à vida noturna de grupos social e culturalmente marginalizados na cidade, a região concentra boates, bares, casas de prostituição, estúdios de tatuagem e circuitos independentes de arte e música. Na gravura, duas mulheres aparecem dançando sob holofotes. Ambas usam salto alto; uma delas se apoia em uma barra semelhante à de *pole dance*, enquanto a outra parece ocupar uma pequena passarela. As figuras fortemente contornadas possuem manchas de sombra que sugerem certo volume, mas, em contraste com o fundo abstrato formado por espirais, círculos e linhas sinuosas de diferentes tamanhos, tornam-se chapadas e se integram ao ritmo visual que remete tanto à intensa pulsação quase lisérgica das músicas e luzes das boates da Rua Augusta quanto aos múltiplos olhares direcionados a esses corpos. Ao deslocar a linguagem tradicional da xilogravura nordestina para representar um imaginário urbano ligado à metrópole contemporânea, Nilo produz um encontro entre diferentes experiências de cidade, classe e território. A partir do olhar de um artista vindo do Cariri, a Rua Augusta surge menos como um retrato da capital paulista do que como um grande cenário atravessado por desejo, espetáculo e fabulação.

Ana Maria Tavares (Belo Horizonte, MG, Brasil, 1958) explora em sua extensa produção a relação entre arte, arquitetura e design, a partir de uma diversidade de suportes e linguagens que convergem em intensidade material e formal. Investigando criticamente o cânone da arquitetura modernista no Brasil e as formas de organização do espaço, suas obras, que vão da instalação e da escultura a experimentos fotográficos ou gráficos, frequentemente incorporam materiais e dispositivos ligados ao universo arquitetônico e ao mobiliário urbano, propondo situações

que refletem sobre a experiência do corpo, da circulação e da permanência nos ambientes construídos. Ao considerar as relações conceituais e abstratas que interagem com essa experiência, a artista elabora métodos de interrogação acerca de utopias modernistas, de sua suposta pureza e das implicações políticas, sociais e econômicas resultantes da sua naturalização no contexto brasileiro. Desde as últimas décadas do século 20, por exemplo, cercamentos sócio-ambientais que fragmentam e separam partes específicas da população passaram a integrar a realidade de diversas cidades e capitais brasileiras. Os condomínios de casas e apartamentos de alto padrão, em especial, promovem certa pureza visual através de seus muros e padrões arquitetônicos, que os isolam do ambiente ao redor para evitar interferências consideradas estranhas ou indesejadas, ainda que naturais.

Nas obras da série *Condomínios*, iniciada em 2013, a artista reflete sobre esse isolamento e a ignorância perante as forças da natureza partindo da tentativa falida de fazer da Praia do Futuro, em Fortaleza, CE, uma faixa litorânea para imóveis de alto padrão. O clima da capital cearense, marcado por calor, maresia, salinidade e ventos intensos, rapidamente inviabilizou muitos dos empreendimentos imobiliários no local e condicionou aqueles que foram erguidos à manutenção permanente de suas fachadas. A perversidade dessas tentativas de organização social é central aos trabalhos dessa série, que quase sempre se usa de uma mesma construção visual: um grid feito de couro de cabra metalizado, esticado sobre suportes de madeira, estrutura espaços em quadriláteros regulares, nos quais semi-esferas salientes produzem o efeito de pregueamento e rugosidade, atribuindo às superfícies do couro, pintado em tons de rosa e vermelho, a aparência de pele velha ou doente. Na edição realizada para o Clube de Colecionadores do MAM, *Sonho de Valsa* (da série *Condomínios*) (2018), **Ana Maria Tavares** reproduziu uma parte do trabalho inaugural da série, *Fachadas insanas* (2013), a partir de uma imagem digital. O resultado é uma imagem que tem o estranhamento como um efeito imanente; à medida que sua totalidade é harmônica em cor e regular em estrutura, as texturas e volumes surgem como indícios de um aprisionamento, ou de um sufocamento, de onde podem, de repente, irromper ou desaparecer.

As edições realizadas por **Ana Maria Tavares** e **Nilo** para o Clube do MAM aproximam-se pelas relações que estabelecem com dinâmicas sociais próprias e distintas dos ambientes urbanos. Nilo, tomado pela novidade de estar pela primeira vez na capital paulista em uma de suas regiões mais estimulantes, representou uma cena que, na realidade, é permeada por questões sociais, econômicas e de gênero, mas que, como imagem gráfica, é desenhada e impressa sem a intenção de estigmatizar, representando as dançarinas de forma integrada ao ambiente sinestésico de uma casa noturna. Em sentido quase oposto, Ana Maria Tavares estabelece uma analogia visual simples e efetiva para refletir sobre a fragmentação e o isolamento como processos sintéticos, não-naturais, que encobrem a fragilidade das utopias modernistas e da racionalização da experiência humana na modernidade. Ambos os trabalhos abordam a cidade e suas formas de configuração urbano-arquitetônica através das relações que se estabelecem, ou não, entre os indivíduos de seu tecido social, revelando, assim, possíveis correspondências entre estruturas e lugares e noções específicas de moralidade.

Adotando procedimentos técnicos da fotografia relacionados a outras linguagens, as edições que **Fernando Vilela** e **Sara Ramo** produziram para o Clube de Colecionadores do MAM imaginam paisagens urbanas de pontos de vista diferentes, mas que igualmente não permitem avistar o horizonte, efeito comum do enclausuramento ambiental das grandes cidades.

A trajetória de **Fernando Vilela** (São Paulo, SP, Brasil, 1973) perpassa atuações paralelas como artista, designer, escritor, ilustrador, educador e curador. Como artista, sua produção costuma propor a interação de diferentes linguagens, como xilogravura, fotografia, escultura e pintura, operando frequentemente com grandes formatos. Em suas ilustrações, Vilela elabora formas e cenas a partir de manchas e contornos em preto e branco, usando-se do jogo entre luz e sombra para articular gestos e ações de figuras expressivas que, ora são particularmente caracterizadas, ora são sumariamente esquematizadas. Um traço recorrente de sua produção em artes visuais e em ilustrações para livros é o recurso da sobreposição e da mútua infiltração de planos na construção de imagens. Sendo o suporte pictórico um elemento integral nesse processo de sobreposição, suas composições assumem e revelam a materialidade técnica de seus procedimentos, ainda que seja apenas para encobri-los ou relativizá-los com mais elementos imagéticos.

Em *Cidade* (2014), o artista imprimiu e gravou duas imagens lado a lado, em diálogo com outros trabalhos da série de mesmo título. Em primeiro plano, vemos uma mancha escura regular que encobre quase inteiramente as imagens; na parte superior dessa mancha, algumas linhas brancas são traçadas de forma obtusa e contínua, atravessando os limites entre uma imagem e outra. Ao fundo, empenas e topos de prédios e carros surgem em duas fotografias, que, em primeiro momento, podem parecer iguais, mas o olhar detido, ao buscar o contraste para definir traços e volumes para os elementos constitutivos, logo encontra diferenças suficientes. As linhas finas e curtas que aparecem de forma ritmada na mancha em primeiro plano são vestígios da impressão xilográfica; tratam-se dos veios naturais do bloco de madeira usado como matriz, mas também parecem ecoar os traços intencionais do artista, enfatizando a sua continuidade, ou mobilidade, entre as duas partes da imagem. Com essa percepção, as imagens adquirem movimento, como nos efeitos cinematográficos que se utilizam da translucidez na transição entre cortes. Como fios de eletricidade dos postes de rua, vistos de ângulos ligeiramente distintos, em fade in, ou fade out, as linhas brancas que incidem sobre ou a partir da mancha escura transpassam e se sobrepõem às vistas de uma cidade, muito provavelmente São Paulo. Ao mesmo tempo que interrompem paisagens urbanas, especialmente do ponto de vista das ruas, esses fios conduzem nossas vidas, unindo, atravessando e se impondo, visual e efetivamente, sobre toda a malha urbana e social das nossas cidades.

A produção de **Sara Ramo** (Madri, Espanha, 1975) é marcada pela ressignificação de objetos do cotidiano. Ao colocá-los em lugares inusitados e transformá-los em instalações, esculturas ou assemblages, a artista busca abordar novas formas de ver e lidar com a realidade e a relação entre o visível e o invisível. Para isso, investiga as relações e ações que realizamos sobre coisas

rotineiras, assim como os sentidos e as construções resultantes delas e de seus efeitos sobre nós. Em sua produção, linguagens-irmãs se encontram — elementos da música, do teatro, do cinema, da escultura e da performance são harmonizados de modo a ocultar suas especificidades e modificar a nossa percepção. Ramo empreende processos de acumulação e refinamento — de ideias, imagens, referências e testes — que partem de um primeiro momento de grande abertura, para chegar, por eliminação e fortalecimento, em uma síntese consciente de suas qualidades. Combinado ao constante tensionamento entre o vazio e o cheio (ou o acúmulo), certo hibridismo aparece também na dimensão e escala dos trabalhos, que, ao romperem com a proporcionalidade natural, elaboram espaços e situações ao mesmo tempo absurdas e familiares, pois, ainda que improváveis, se originam de contextos corriqueiros.

Em *Na escuridão, os vagalumes* (2019), duas imagens fotográficas foram impressas lado a lado e apresentam vistas frontais de um lugar estruturado de forma precária, típico de grandes centros urbanos. Lonas azuis e brancas, amarras e tecidos remendados, superfícies, fechamentos e cabeamentos improvisados dão forma para uma possível moradia ou comércio informal. Na imagem à esquerda, conseguimos ver escrito com letras garrafais sobre uma faixa de papelão “ALIMENTACIÓ[N]”, enquanto, à direita, uma cruz vermelha pintada à mão indica um atendimento médico, ou a reivindicação desse direito. Nessa imagem, ainda, uma fresta na fachada de lonas e tecidos se aprofunda em uma sombra estranhamente magnética, que parece sussurrar, muito silenciosamente, o título da obra. Uma vassoura e um banquinho emolduram essa abertura, provocando ainda mais estranhamento e confusão. O enquadramento de cada imagem é essencial para esse efeito, especialmente por criarem espaços que parecem abertos, mas também enclausurados, exalando opressão. Não é possível, apenas com os elementos da imagem, definir o contexto desses espaços, mas isso não é necessário; a sensação de aperto e de lotação é parte da rotina de muitos habitantes das grandes cidades e capitais. O fato contraditório, e ao mesmo tempo verdadeiro e sintético, de que, para produzir esse efeito, a artista capturou ângulos, cores e luzes cinematográficos da perspectiva de quem habita ou circula por espaços precários, sem usar uma figura se quer, é testemunho para a conjugação indissociável de linguagens que marca sua produção.

Nas edições criadas por **Fernando Vilela** e **Sara Ramo** para o Clube de Colecionadores do MAM, a linguagem fotográfica tem sua especificidade manipulada e remexida pela sobreposição ou combinação de outras linguagens técnicas. De modo direto e material, *Cidade* resulta da xilogravura e da fotografia se infiltrando evidentemente, sem estabelecer uma direção ou sequência definitiva para o olhar, mas atribuindo um movimento quase dialético entre as semelhanças e diferenças das duas imagens. De modo imaterial e relativo, *Na escuridão, os vagalumes* ressaltam alguns códigos visuais do cinema, do teatro e até mesmo da instalação, colocando em dúvida a própria naturalidade do que é imaginado, ainda que apresente dados da realidade, reconhecíveis visual e sensorialmente. As duas edições do Clube jogam com a percepção, o olhar e as vias de interpretação do espectador, especialmente por apresentar paisagens e vistas urbanas que povoam o repertório imagético de praticamente todos os moradores de centros urbanos.

Apesar de partirem de gerações, suportes e contextos bastante distintos, tanto **Ascânio MMM** quanto **Fabiano Rodrigues** compartilham um interesse comum pela arquitetura e pela cidade como campos de experimentação formal, corporal e perceptiva.

Profundamente marcado por sua relação com o skate, esporte que atravessa toda a sua trajetória, **Fabiano Rodrigues** (Santos, SP, Brasil, 1974) transita entre a performance, a colagem, o vídeo e, sobretudo, a fotografia. A partir da década de 2010, o artista passou a desenvolver uma série de registros de seu próprio corpo em diálogo com espaços emblemáticos da arquitetura moderna brasileira, em imagens na qual o corpo aparece em constante confronto com a escala monumental da paisagem urbana contemporânea, explorando relações entre movimento, gravidade e equilíbrio. Nesses trabalhos, que desafiam a noção canônica de autorretrato, Rodrigues captura a si mesmo no auge da ação por meio de disparadores remotos e enquadramentos previamente planejados, realizando uma espécie de fusão entre fotografia autoral e registro de performance. O resultado são composições dinâmicas, nas quais fragmentos do corpo parecem se desalinhar da lógica espacial convencional.

Em *Saturno direto* (2017), as pernas do artista parecem prolongar e acompanhar o movimento de uma grande estrutura helicoidal de concreto, criando uma continuidade visual entre corpo e arquitetura. A fotografia é apresentada em uma orientação incomum, desorientando a percepção espacial do observador e produzindo uma imagem chapada em que chão, parede e corpo parecem se confundir. O título da obra reforça essa ideia de circularidade e suspensão ao fazer referência aos icônicos anéis de Saturno, aproximando a relação entre o movimento do corpo e a curvatura arquitetônica da dinâmica de uma órbita planetária contínua e infinita.

Já **Ascânio MMM** (Esposende, Portugal, 1941), fortemente influenciado pelas vertentes concretas e neoconcretas que tiveram grande destaque na arte brasileira a partir da década de 1950, desenvolve, desde os anos 1970, uma produção escultórica extremamente singular, marcada pelo rigor geométrico, pela serialidade modular e pela investigação da relação entre forma, espaço e movimento. Em suas obras, noções como transparência e opacidade, cheio e vazio, interior e exterior são constantemente colocadas em diálogo, aproximando sua produção tanto da tradição construtiva brasileira quanto de debates ligados à arquitetura moderna e ao urbanismo. Não à toa, diversas esculturas realizadas pelo artista a partir da década de 1990 foram concebidas para espaços públicos, estabelecendo relações diretas com edifícios, paisagens urbanas e fluxos de circulação.

Livro arquitetura 7 (2020) é um projeto originalmente concebido em 1983 que, em 2020, foi transformado em múltiplo para o Clube de Colecionadores. Trata-se de um livro de artista que demanda a participação direta do público para ser plenamente realizado. Produzido em cartão e tecido, o objeto apresenta uma materialidade simples e precisa, cuja estrutura dobrável permite sucessivas transformações formais. Ao ser manipulado, o livro deixa de operar apenas como suporte passivo de leitura e passa a funcionar como uma pequena construção modular,

cuja forma é continuamente criada e desfeita pelos gestos do leitor-espectador. A obra articula, assim, diferentes tradições da arte construtiva brasileira: a racionalidade geométrica da arquitetura moderna, a dimensão sensorial e participativa do neoconcretismo, e a ideia do livro como objeto escultórico e espacial, transformando o ato de folhear em uma experiência de construção, fazendo da manipulação física do objeto um exercício simultâneo de percepção e invenção do espaço.

Nas edições realizadas por **Fabiano Rodrigues** e **Ascânio MMM**, a linguagem construtiva aparece não apenas como repertório visual, mas como um modo de pensar a relação entre corpo, estrutura, espaço e movimento. Influenciados pelas heranças do concretismo e do neoconcretismo brasileiro, os artistas investigam formas geométricas, ritmos modulares e continuidades espaciais, aproximando arte e arquitetura a partir de experiências sensoriais e dinâmicas. Além disso, também percebe-se um diálogo formal bastante evidente entre as duas obras: em *Livro arquitetura 7*, de Ascânio MMM, a estrutura helicoidal e dobrável do livro produz uma espacialidade contínua, que se transforma a partir da manipulação direta do espectador, enquanto que, em *Saturno direto*, de Fabiano Rodrigues, esse efeito ocorre a partir da própria composição da imagem fotográfica, que registra o corpo do artista se confundindo com a estrutura arquitetônica ao seu redor. Nos dois casos, a geometria opera como um fluxo, construindo composições marcadas por circularidade e instabilidade espacial, de forma que as duas obras propõem maneiras ativas de experienciar o espaço, relacionando percepção física, o movimento do corpo e a construção formal.

Ao reunir obras produzidas em diferentes momentos por meio do Clube de Colecionadores, esta seleção evidencia como a ideia de cidade se entrelaça com questões arquitetônicas e sociais, aparecendo, assim, como um tema central para a arte contemporânea brasileira. Os trabalhos apresentados constroem múltiplas leituras sobre o contexto metropolitano, revelando a cidade como um campo de disputa social e simbólico. Ao longo de seus 40 anos, o programa do MAM permitiu que artistas de diferentes gerações, trajetórias e regiões do país encontrassem no museu um espaço de experimentação e diálogo para suas reflexões sobre o universo urbano, contribuindo para que o MAM São Paulo se consolidasse como um incentivador de diferentes imaginações sobre um tema tão caro à vida contemporânea.

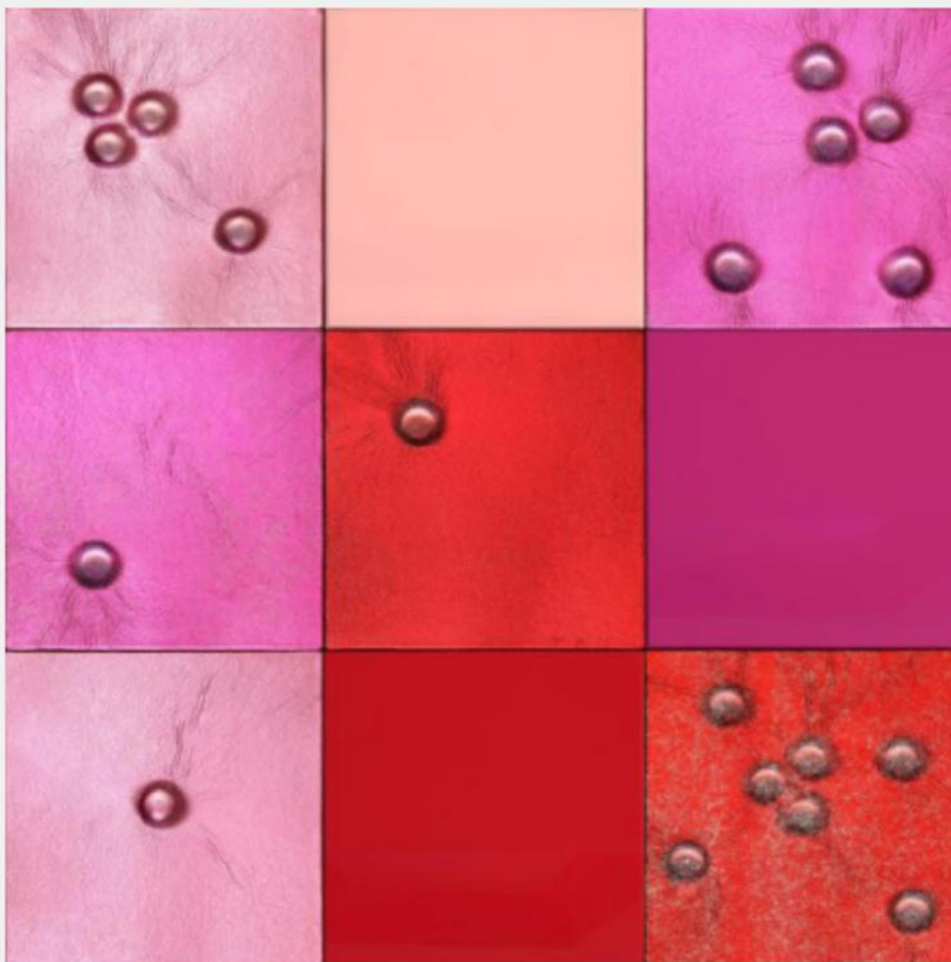
Gabriela Gotoda

Curadora, MAM São Paulo

Danilo Cavalcante

Assistente Curatorial, MAM São Paulo

[english version](#)



Ana Maria Tavares
(Belo Horizonte, MG, Brasil Brazil, 1958)

***Sonho de Valsa*, da série** from the series
Condomínios Condominiums, **2018**

impressão fotográfica sobre papel
photographic print on paper,
61,1 x 61,1 cm

R\$ 3.000,00 emoldurado framed
Edição Print run **100 + PAs** APs

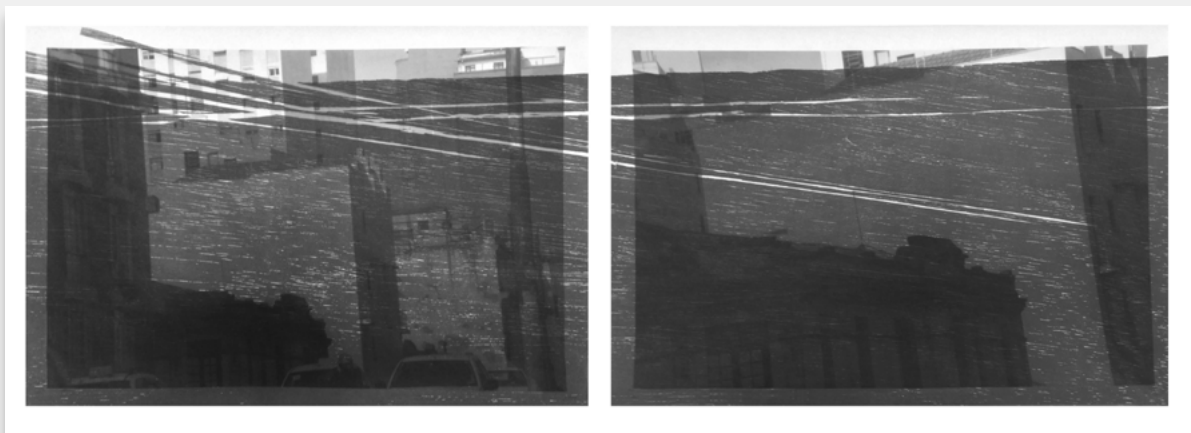


Nilo
(Juazeiro do Norte, CE, Brasil Brazil, 1966)

Mulheres da Rua Augusta
Women of Rua Augusta, 2009

xilogravura sobre papel
woodcut on paper,
51 x 65,5 cm

R\$ 2.600,00 emoldurado framed
Edição Print run **100 + PAs** APs



Fernando Vilela
(São Paulo, SP, Brasil Brazil, 1973)

Cidade City, 2014

xilogravura e impressão fotográfica
sobre papel woodcut and photographic
print on paper,
40,3 x 101,2 cm

R\$ 2.800,00 emoldurado framed
Edição Print run **100 + PAs** APs



Sara Ramo
(Madrid, Espanha Spain, 1975)

Na escuridão, os vagalumes
In the Darkness, the Fireflies, 2019

impressão fotográfica sobre papel
photographic print on paper,
45 x 60 cm cada each

R\$ 2.800,00 emoldurado framed
Edição Print run **100 + PAs** APs



Ascânio MMM
(Esposende, Portugal, 1941)

Livro arquitetura 7
Architecture Book 7, **1983/2020**

cartão e tecido cardstock and fabric,
20,3 x 10,3 x 6,2 cm

R\$ 2.000,00
Edição Print run **70 + PAs** APs



Fabiano Rodrigues
(Santos, SP, Brasil Brazil, 1974)

Saturno direto Direct Saturn, 2017

impressão fotográfica sobre papel
photographic print on paper,
103,6 x 78,5 cm

R\$ 4.800,00 emoldurado framed
Edição Print run **100 + PAs** APs

ArPa
2026

mam

clube de
coleccionadores

para adquirir obras do Clube de
Colecionadores, entre em contato por
e-mail, whatsapp ou acesse nosso site

to purchase works from the Collectors'
Club, contact us by e-mail, whatsapp
or visit our website.

clubecolecionadoresmam.org.br

+55 11 94368-3988

museu de arte moderna de são paulo

mam.org.br | @mamsaopaulo